



A cobertura do jornal *O País* e os bastidores políticos nas primeiras eleições presidenciais do Brasil¹

Bruna Vieira Guimarães
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP²

Resumo

Resgate dos antecedentes políticos da primeira eleição presidencial do Brasil, ocorrida em 25 de fevereiro de 1891, quando os deputados e senadores da recém instaurada República, elegeram Manoel Deodoro da Fonseca. Os objetivos foram recuperar os ‘bastidores’ políticos que repercutiram no período da candidatura de Deodoro e, posteriormente, analisar a cobertura do jornal *O País* nestas eleições. A metodologia adotada foi a Pesquisa Histórica enfatizando o estudo bibliográfico e documental. Na conclusão consta que os manifestos de apoio à candidatura do marechal, articuladas pelos deodoristas –amigos, familiares e militares que apoiavam Deodoro–, e as reuniões com constituintes organizadas por Campos Sales cinco dias antes das eleições, foram imprescindíveis para a vitória de Deodoro nas eleições. Nos dez dias de análise de *O País* –de 18 a 27 de fevereiro de 1891–, a pesquisadora constatou que a maioria das notícias foi favorável à candidatura de Deodoro à presidência do país.

Palavras-chaves: Deodoro da Fonseca; Proclamação da República; Eleição Presidencial; *O País*; Política no final do século XIX.

1. Introdução - Este artigo resgata os antecedentes políticos da primeira eleição presidencial do Brasil, ocorrida em 25 de fevereiro de 1891. Nesta data, os deputados e senadores elegeram pelo voto indireto, Manoel Deodoro da Fonseca, presidente. Treze meses antes, em 15 de novembro de 1889, ele tinha proclamado à República no Brasil

Os objetivos foram recuperar os ‘bastidores’ políticos que repercutiram no lançamento ‘informal’ da candidatura de Deodoro; descrever às reuniões com constituintes organizadas por Campos Sales cinco dias antes das eleições; e analisar trechos de notícias

¹ Trabalho apresentado ao GT 2 - História da Publicidade e Propaganda, no V Congresso Nacional de História da Mídia – REDE ALCAR, em SP, de 30 maio a 2 junho de 2007. Este artigo é parte da dissertação de mestrado defendida pela autora em abril de 2007: ‘Deodoro da Fonseca – A propaganda política do primeiro presidente do Brasil’.

² Bruna Vieira Guimarães é mestre em Comunicação Social pela UMESP e jornalista pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Sua experiência profissional foca jornais, revistas e assessoria de imprensa nas cidades de Piracicaba/SP e Caraguatatuba/Litoral Norte de SP. Autora de artigos científicos apresentados em congressos nacionais e internacionais. E-mail: brunajornalista@hotmail.com.

publicados no jornal *O País* demonstraram a cobertura feita por este periódico nos dias próximos às eleições.

A metodologia empregada foi à Pesquisa Histórica a partir de investigação bibliográfica e de documentos. Na definição de José Honório Rodrigues (1982, p.21) Pesquisa Histórica é “a descoberta cuidadosa, exaustiva e diligente de novos fatos históricos, a busca da documentação que prove a existência dos mesmos, permita sua incorporação ao escrito histórico ou a revisão e interpretação nova da História”. Consiste na descoberta dos fatos, na documentação, e no uso correto dos achados.

Para Richardson (1989, p.199), “a pesquisa histórica ocupa-se do passado do homem, e a tarefa do historiador, [...] consiste em localizar, avaliar e sintetizar sistemática e objetivamente as provas, para estabelecer os fatos e obter conclusões referentes aos acontecimentos passados”.

O personagem histórico deste artigo, Deodoro da Fonseca³ nasceu no dia 5 de agosto de 1827 na Cidade Velha de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, então capital da recém-criada Província de Alagoas, 20 quilômetros de Maceió (FONSECA, 1979, p.9).

Filho de Manuel Mendes da Fonseca, militar que se insurgiu contra o Império e foi vereador na Cidade Velha de Alagoas, e de Rosa Maria Paulina da Fonseca. Deodoro da Fonseca teve nove irmãos, sete homens militares e duas mulheres.

Em 1860, com 33 anos, casou-se com Mariana Cecília de Souza Meireles em Cuiabá. Não tiveram filhos, mas adoravam os sobrinhos. Condecorações, promoções e feitos de bravura, conquistados na carreira militar, transformaram Deodoro no ‘generalíssimo’.

Coube a Deodoro, a incumbência de proclamar a República no Brasil, transição esta -da Monarquia para a República- se deu sem luta. O episódio até hoje suscita discussões apaixonadas em função das testemunhas do evento. Um pequeno grupo, contando cerca de 600 militares, tendo a frente Deodoro, dirigiu-se na madrugada de 15 de novembro ao

³ Referente a grafia do nome de Manoel Deodoro ou Manuel Deodoro, o sobrinho-neto Roberto Piragibe da Fonseca (1979, p.8) esclarece: “Acham-se em meu arquivo vários documentos, entre eles algumas cartas endereçadas por Deodoro a irmãos e a meu pai (Clodoaldo da Fonseca), e em todos esses papéis encontra-se assinado Manoel e não Manuel”.



Quartel General para depor o gabinete de Ouro Preto em função de rumores a prisão de Deodoro e de outros militares⁴.

Após marchas e contra-marchas, no entardecer daquela sexta-feira, a Monarquia deixou de existir no país. Segundo Basbaum (1976, p.17), a conspiração que pôs abaixo o Império não foi uma trama hábil e cuidadosamente preparada como costumam ser as conspirações. “Tudo não passou de conversações meio secretas entre meia dúzia de pessoas que até a véspera do golpe não sabiam ainda se iriam até a proclamação da República”.

Como chefe do Governo Provisório, as primeiras semanas do Deodoro foram de intensa atividade legislativa. Cada ministério era uma fábrica de leis. Cada ministro valia por um Congresso. A 27 de dezembro, era assinado o decreto que convocara para o dia 15 de setembro de 1890 as eleições para Constituinte.

3. Lançamento da candidatura de Deodoro

A candidatura de Deodoro a presidência foi lançada antes mesmo da Constituinte. Os homens da República parecem unidos em torno de Deodoro. Todos os ministros de seu governo que se candidatam são eleitos, como também seus dois irmãos, Hermes e Pedro Paulino, e um sobrinho. No entanto, essa coesão era aparente. Na eleição para a mesa da Assembléia, as cisões começaram a aparecer. Saldanha Marinho, velho senador, era o candidato natural. Porém, os representantes dos cafeicultores conseguiram eleger Prudente de Moraes (MARECHAL DEODORO, 1970, p. 697).

Os candidatos à Constituinte, em sua maioria, declaravam que, se eleitos, ajudariam a organizar a República e se diziam dispostos a eleger a presidência, o marechal Deodoro.

A candidatura do velho soldado foi lançada, portanto, antes mesmo de existir o Congresso Constituinte. Aliás, antes da instalação deste, o então major Mena Barreto, que voltara ao Rio Grande do Sul, em propaganda de sua candidatura a deputado, começara a organizar um abaixo-assinado, nas guarnições militares do Estado, no sentido de ‘impor’ a eleição de Deodoro para a presidência, partindo do princípio de que ninguém mais do que ele a merecia (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b, p. 213).

O parágrafo acima foi um dos poucos encontrados pela pesquisadora, abordando a candidatura, mesmo que de maneira informal, de Deodoro.

⁴ Frase do Capitão Francisco José Corrêa Martins, Chefe da Divisão de História do Arquivo Histórico do Exército, que fica no Palácio Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Informação verbal colhida pela pesquisadora no dia 25 jan. 2007.

O período legislativo que se seguiu, de 15 de novembro de 1890 até 24 de fevereiro de 1891, data em que foi promulgada a Constituição, formaram-se grupos antagônicos. Neste ínterim, paralelamente as explorações em torno da demissão dos ministros e do assalto em *A Tribuna*, o deputado César Zama ressaltou no Congresso seu protesto contra a candidatura de Deodoro a presidência da República.

Nesse sentido, outras atitudes foram tomadas a fim de prejudicar a candidatura de Deodoro. Exatos, 15 dias antes das eleições- em 10 de fevereiro de 1891-, a oposição lançou uma edição extra de *A Tribuna*, que servia como violento manifesto contra a candidatura do marechal.

O jornal ‘bomba’ repercutiu no Congresso por meio de uma moção elaborada por César Zama, amplamente apoiada. Isto demonstrava quanto se enfraquecera Deodoro com as substituições dos ministros. O deputado Jaques Ourique –um deodorista-, rebateu as críticas afirmando que via na publicação do número extraordinário do jornal empastelado uma ardilosa maquinação política contra Deodoro.

A imagem de ‘homem público’ de Deodoro foi construída conforme ele assumia postos de oficial do Exército. Isto fortaleceu sua candidatura á presidência. A respeito disso, Adolpho Queiroz (2005, p.15) afirma que “quem ganha [a eleição] evidentemente fica feliz e passa quatro anos administrando o seu mandato. Quem perde, continua em campanha a partir do dia seguinte ao anúncio do resultado”.

A primeira eleição presidencial do Brasil simplesmente formalizou e confirmou a escolha de Deodoro na condução do cargo mais relevante do país. Ele praticamente não fez campanha eleitoral. Não houve distribuição de ‘jornais do candidato’, nem explanação do Plano de Governo, não realizou comícios, não pagou anúncios na imprensa, nem organizou festas ‘de adesão’ a fim de arrecadar fundos para a campanha (todas estas técnicas de propaganda já existiam na época).

A campanha eleitoral do marechal foi feita pelos deodoristas, por meio de conversas pessoais e reuniões com os deputados e senadores votantes. Os amigos e familiares de Deodoro conseguiram manifestos de apoio a sua candidatura e tentaram convencer o candidato da oposição –Prudente de Moraes- a desistir da disputa.

Magalhães Junior (1957b, p. 284), confirma que “a eleição de Deodoro era a tendência manifesta de uma parte considerável do Congresso Constituinte, no seio do qual

elemento caracterizadamente ‘deodorista’ se manifestava, com intransigência, em favor do Marechal”. A vida do novo regime estaria segura com a eleição de Deodoro.

Quebrando lanças para ser eleito, fazendo disso uma questão de honra, Deodoro não cometeu, no entanto, qualquer ação que, pessoalmente, pudesse rebaixá-lo no conceito dos congressistas. Não pediu, não suplicou, não fez transações, não propôs barganhas. O Congresso Constituinte foi pressionado pelas forças do Exército, que não queriam ver desprestigiado o grande líder da classe militar, não, porém, por Deodoro, que se manteve discreto (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b, p. 284).

5. Alianças e reuniões de Campos Sales - Campos Sales (1983, p. 32), na obra ‘*Da propaganda a presidência*’⁵, confirma que seria conferido ao marechal o mandato de presidente, “tão depressa se achasse esta [República] constitucionalmente organizada”. Porém, a oposição à candidatura de Deodoro ganhava força no Congresso.

Cinco dias antes das eleições, em 19 de fevereiro de 1891, Campos Sales se reúne com Bernardino de Campos e com o deputado republicano Dr. Carlos Garcia, e fazem as seguintes ponderações (SALES, 1983, p.38):

Que a candidatura de Prudente, levantada exclusivamente como estratégia de guerra contra Deodoro, a meu ver não contava elementos de êxito; que, dado, porém, o seu triunfo, parecia certo que o Exército, pessoalmente dedicado a Deodoro, não se resignaria a deixá-lo cair, e, conforme os boatos que se circulavam, mais provavelmente tentaria uma revolta contra o eleito da Constituinte, proclamando a ditadura do vencido; [...] que, na hipótese mais provável, senão certa, de prevalecer à candidatura de Deodoro, devíamos prever que o seu governo não deixaria de adotar contra nós uma política de reação, afastando da direção no nosso Estado, como nos outros, o elemento republicano; [...] que, finalmente, em presença de tais perspectivas, o que me parecia mais conveniente, para evitar uma conflagração na República, no momento preciso da sua organização definitiva, era alcançar de Prudente que ele próprio retirasse a sua candidatura.

Campos Sales, Bernardino de Campos e Carlos Garcia concordaram de no dia seguinte, irem levar a Prudente, com absoluta franqueza, o comum pensamento.

⁵ Campos Sales (1983, p.32) confirma: “Limito-me a transplantar para estas páginas as notas que fui registrando, à medida que os sucessos se desenrolavam. Aqui não há, portanto, um simples esforço de memória, que é susceptível de enganos, mas a reprodução fiel do que está escrito, com o apoio de testemunhos irrecusáveis”. No livro estão relatados detalhadamente os diálogos travados nos bastidores da primeira eleição presidencial do país, conforme consta neste Capítulo.



No dia 20 de fevereiro, reuniram-se nos aposentos de Prudente, no Hotel Lisboa, no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, Campos Sales, Bernardino de Campos e os deputados paulistas que estavam no local, Paulino Carlos e Alfredo Ellis.

Os quatro foram recebidos conjuntamente e Prudente, embora declarando não ser candidato, não assumia de modo algum o compromisso de dissuadir os seus partidários. A conversa durou cinco horas.

Campos Sales narra o resultado ao qual Prudente limitava-se a dizer que não era candidato e que os outros é que tinham pensado em apresentá-lo. Mais de uma vez nos disse: - “Eu já declarei ao general Simeão que não sou candidato; mas que, se apresentarem uma *candidatura civil* (sublinhando as palavras), rompo com a bancada paulista para dar o meu voto a esse candidato”. Estava claro o seu pensamento: se não com o seu nome, com o de outro qualquer, combateria a candidatura de Deodoro (SALES, 1983, p.39).

Campos Sales relata que continuavam no empenho de convencer Prudente a retirar sua candidatura. Houve, afinal, um momento em que ele cedeu:

- Está bem. Podem fazer declarar, em meu nome, que não sou candidato, nem autorizo que levantem a minha candidatura. Mas passem pela casa do general Simeão e dêem-lhe conhecimentos desta minha resolução. Devo-lhe estas atenções. Julgávamos, enfim, vencidas todas as dificuldades, e eu e Bernardino apressávamos as nossas despedidas, para irmos, sem perda de tempo, aos jornais, quando ouvimos esta exclamação de Prudente: - Quem sou eu para bater-me com o generalíssimo?! Na ironia da frase e no acento com que fora proferido, desconhecia o mais profundo sentimento, o desejo de não ceder, à vontade de perseverar. Na verdade, tendo retrucado que a nossa intenção não era obrigá-lo a constrangimentos, pois estávamos pugnando por uma solução espontânea, vimos completamente perdidos, e para sempre, o terreno que chegamos, por momentos, a supor adquirido. Retiramo-nos. Prudente mantinha de pé a sua candidatura, bandeira de guerra habilmente arvorada no seio Constituinte pelo triunvirato hostil a Deodoro! (SALES, 1983, p.40).

A obstinação de Prudente de Moraes obrigou a bancada paulista a fazer uma revisão de atitude. Para mantê-la unida, comprometeram-se todos, Campos Sales inclusive, a sufragar o nome do presidente da Constituinte. A primeira sessão, após a reunião do Hotel Lisboa, foi a do dia 23.

Aproveitaram-se dela os cabalistas para fazerem circular entre os constituintes as notas sugestivas das suas estatísticas, em que demonstravam que a adesão dos representantes paulistas asseguraria, de modo definitivo, a vitória da candidatura civil. Depois do que se tinha passado no Hotel Lisboa, julguei que as circunstâncias

me impunham outra atitude. Fiz constar, com toda a publicidade, que os representantes paulistas sustentariam unanimemente a candidatura de Prudente de Moraes. Por dever de lealdade, fiz com que igualmente chegasse ao conhecimento do marechal Deodoro e dos seus ministros a atitude que agora assumimos. Não é que eu tinha modificado as minhas opiniões na minha parte. Ao contrário, eu as mantinha convencidamente [...]. Ao Sr. Eduardo Gonçalves, membro da mesa da Constituinte, dizia eu na tarde de 24: “Amanhã vamos praticar o nosso maior erro político. Quanto a mim, confesso que vou arrastado”. Tal era a minha convicção inabalável acerca da oposição que se movia à candidatura de Deodoro (SALES, 1983, p.40).

Na noite do dia 24, Campos Sales resolveu ter uma última conversa com José Simeão, pois circulava boatos de que Deodoro apoiaria o plano de uma revolta militar, se não fosse eleito e de que o próprio Floriano Peixoto, evitando assumir atitude hostil ao seu velho companheiro de armas, chegava mesmo a recomendar-lhe a candidatura em entendimentos com os deputados cearenses.

Às oito horas da noite, chegava Campos Sales na casa de Simeão. Em seguida, chega Floriano, o deputado pelo Rio Grande do Sul, Manuel Luís da Rocha Osório, em nome de Prudente que alegava estar indisposto. Antes de iniciar o debate, os presentes declaravam considerar o momento sumamente grave. Não dissimulavam a situação crítica em que se encontravam os adversários de Deodoro.

“Segundo o balanço que eles fizeram do estado das forças, senão a totalidade, uma grande parte ao menos dos corpos da guarnição tomaria o partido de Deodoro e o aclamaria ditador caso fosse outro candidato triunfante na Constituinte” (SALES, 1983, p.42).

Ao final da reunião, a solução encontrada constava que era tarde para um recuo. Desistir seria desonroso. Caso fosse eleito Prudente de Moraes, Campos Sales propôs que todos constituintes pertencentes às forças armadas e integrados no bloco contrário a Deodoro deviam comparecer à sessão fardados, de modo a impor a obediência, se tivessem de agir militarmente, dando ordens a soldados (SALES, 1982, p.42)

Tais combinações demonstravam o ambiente carregado, de intranqüilidade, agitação, nervosismo e desconfiança, que se desenrolou na primeira eleição presidencial do Brasil. A seguir, a pesquisadora relata as manifestações de apoio e de repúdio que a candidatura de Deodoro da Fonseca recebeu naquele fevereiro de 1891.

Referente às manifestações de apoio a candidatura de Deodoro, consta que os partidários de Deodoro entenderam que deviam prestar uma homenagem à Marinha,



abrindo-lhe a porta à participação nos postos do Executivo. Daí a escolha do oficial general das forças navais (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b, p.300).

o antigo ministro da Marinha, Eduardo Wandenkolk, agora senador, poderia trazer-lhe as simpatias do Clube Naval. Realmente, este trabalhou intensamente pela vitória do marechal, procurando, a 2 de fevereiro de 1891, na ocasião em que recebia uma medalha de mérito, naquele clube, levar seus companheiros a uma definição de natureza política. Na sessão que se realizou naquele dia, o capitão-de-fragata João Nepomuceno Batista disse que, “em ocasião tão solene, parecia-lhe oportuno que a Marinha, ali representada por todas as suas classes e graduações, manifestasse seus bons desejos de ver pelo Congresso eleito presidente da República o marechal Deodoro”, pelo que, nesse sentido, propunha que fosse votada uma moção (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b, p.300).

A moção foi aprovada sem nenhuma objeção por parte dos presentes. Mas, uma vez divulgada, vários oficiais protestaram, pedindo uma assembléia extraordinária do Clube Naval. Na sessão extra, foi então aprovado um protesto contra a moção anterior, por entenderem que “o papel das forças armadas é garantir as instituições e acatar as resoluções do poder constituinte” (MAGALHÃES JUNIOR, 1957b, p.300).

Outras manifestações mostraram que as forças armadas, tanto o Exército como a Marinha, procuraram se manterem imparciais no pleito do dia 25 de fevereiro de 1891.

No dia 25 de fevereiro de 1891, Deodoro foi eleito com 129 votos contra 79 votos dados a Prudente José de Moraes Barros. Para vice-presidente, vencera Floriano Vieira Peixoto com 153 votos contra 57 votos dados ao almirante Eduardo Wandenkolk. A cerimônia de posse foi marcada para as 13 horas do dia seguinte.

7. Cobertura d’*O País* na eleição - O primeiro exemplar circulou no dia 1º de outubro de 1884, com Quintino Bocayúva como redator-chefe e o Visconde de São Salvador de Matosinhos, proprietário. *O País* foi um dos mais representativos periódicos republicanos no final do século XIX. Segundo condensação de Affonso F. Taunay apud Silva (1962, p.63):

Era o único jornal que dava lustre à imprensa brasileira, o único elogiável sem reservas e restrições, o único capaz de exercer salutar influência sobre a vida política desmoralizada do país. Independente, fundamentalmente livre de quaisquer peias, tinha como programa os interesses gerais do país e o progresso material e moral da Nação. À sua testa estavam um republicano do mais alto-quilate e dois liberais. E isto não impedia que em suas colunas fossem os assuntos debatidos sob



alta probidade de vistas e nível superior de critério. Assim conquistara *O País* singular importância na imprensa brasileira. Amparando-lhe a reputação um corpo de colaboradores de escol.

A pesquisadora acredita que foi o mais ‘deodorista’ das folhas da Capital Federal e por isso o selecionou para análise da cobertura dessa eleição.

Foram analisados artigos, editoriais e a fins, publicados entre os dias 18 e 27 de fevereiro de 1891, nos quais as palavras ‘eleição presidencial’ e correlatas –*destacadas* pela pesquisadora- apareceram no texto. Segue às transcrições das notícias publicadas nos dias que antecederam a eleição presidencial de 25 de fevereiro de 1891⁶:

Dia 18, quarta-feira, na primeira página -coluna ‘Congresso Nacional’- as discussões dos deputados do dia anterior foram:

[...] quanto à questão da *eleição da presidência* da República, quanto ao seu voto para a primeira autoridade do país, fará aplicações de uma frase muito empregada pelos franceses.[...] Eles dizem que há o casamento do amor e o casamento da razão; o orador se pudesse fazer o seu casamento por amor, nessa questão do presidente da República, daria o seu voto a um civil. [...] Mas não é possível fazer o casamento do amor, e resta apenas o casamento de razão ou de conveniência. Darei o meu voto aquele [que] depois de Benjamin Constant assumiu a responsabilidade da República. [...] Francamente não tive receios do marechal Deodoro no poder supremo da nação. É verdade que, como Napoleão, ele não construiu uma escada de glórias para embriagar o país. Mas o orador votará nele para sancionar a revolução que aceitou... [Lopes Trovão, deputado pelo Distrito Federal].

A declaração do deputado Lopes Trovão foi de apoio à candidatura de Deodoro.

Dia 19 de fevereiro, quinta-feira, na primeira página -coluna ‘Congresso Nacional’-, está a frase que o Sr. Marciano de Magalhães disse na sessão do Congresso do dia anterior. “[...] Se o marechal Deodoro não se inspira na confiança do povo brasileiro, o orador declara retirar-lhe a sua confiança e nega-lhe o seu voto”. Uma declaração contra a candidatura de Deodoro.

Nos dias 20 e 21 de fevereiro, sexta-feira e sábado, não consta nenhuma notícia sobre as eleições presidenciais. Já no dia 22, domingo, na segunda página -coluna ‘Secção Livre’-, o vice-almirante Eduardo Wandenkolk escreveu:

⁶ As edições d’*O País* foram encontradas em micro-filme na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). As palavras do português arcaico dos textos foram adaptadas pela pesquisadora para o português atual.

[...] A nação na minha humilde opinião, foi oportuna porque estavam tomando corpo certos boatos sobre ser a Marinha hostil á *eleição do marechal Deodoro* e sobre a desunião que reserva na corporação e caninha matal [sic]- os com profundo golpe, a bem da nossa índole ordena, da nossa atitude calma e criteriosa e dos nossos sentimentos.

Wandenkolk não só defendia a candidatura de Deodoro, como era o seu candidato à vice. No mesmo dia 22, o artigo opinativo intitulado ‘O Congresso Nacional e o generalíssimo Deodoro da Fonseca’, dizia:

[...] A *eleição do legendário generalíssimo* a elevada posição de presidente da República Brasileira, representa mais que um penhor político é a recompensa do seu mérito, do seu valor de soldado, que jamais esqueceu a bravura para correr pressuroso a salvar a integridade da honra da nossa pátria. [Capitão Joaquim Vieira de Almeida].

Uma explícita demonstração de apoio por parte do Cap. Joaquim Almeida.

Em 23 de fevereiro, segunda-feira, o primeiro artigo d’*O País* era a coluna ‘Chronica Política’ que dizia: “Está votada a Constituição da República, e dentro de 3 ou 4 dias aprovada a redação de tão notável documento, efetuada a sua promulgação solene, o Congresso Constituinte terá feito a *eleição do primeiro magistrado*, encerrando com esse ato a missão histórica de que foi incumbido pela nação soberana [...]”. Portanto somente uma nota da eleição que ocorreria em dois dias.

No dia 24, terça-feira, na primeira página -coluna ‘Congresso Nacional’-, descrevia as discussões ocorridas no dia anterior:

[Sr. Victorino Monteiro afirma,] reconhecendo a incapacidade do chefe do governo provisório para presidente da República, o orador declara que nem ele nem muito dos seus colegas de bancada rio-grandense *votarão para esse cargo no marechal Deodoro* [...] O Sr. Barbosa Lima combate energicamente convenio aduaneiro. Referindo-se ao que o chefe do governo tem assinado no gênero desse tratado, declara que nem o orador nem muitos dos seus colegas da deputação cearense darão seu *voto ao marechal Deodoro para presidente* da República. [...] O Sr. Zama também combate o tratado e a política do marechal Deodoro. E repete o que já disse numa sessão anterior -que nem a força lhe dara o seu voto para presidente da República [...] O Sr. Jacques Ourique defende o marechal Deodoro [...] O Sr. Ramiro Barcello protesta [...] aproveita o fato de estar na tribuna para dizer que já tem confiança no marechal Deodoro.

Enquanto Victorino Monteiro, Barbosa Lima e César Zama repudiam a candidatura do marechal, Jacques Ourique e Ramiro Barcello, a defendem.

No dia 25 de fevereiro, dia das eleições presidenciais, na primeira página -coluna ‘Congresso Nacional – A sessão de ontem’, consta:

Despertou o maior interesse e teve toda a solenidade precisa, a sessão de ontem do Congresso Nacional. Ao contrário do que diariamente tem sucedido, as galerias estiveram, durante toda a sessão, completamente cheias de espectadores. Na sala das deliberações, aos lados dos espaços destinados aos senhores representantes, aglomerava-se uma infinidade de curiosos. As duas tribunas da imprensa foram invadidas por pessoas que nada tinham a ver com a redação dos debates. E nas tribunas das senhoras e do corpo diplomático não foi menor a concorrência, o que naturalmente também vai suceder daqui a poucas horas na sessão em que se deve *eleger o presidente da República* (promulga a Constituição).

O texto acima foi somente uma nota da eleição que ocorreria no dia seguinte.

A coluna intitulada ‘O presidente da República’, mostra a rejeição da eleição:

Vai o Congresso *eleger o presidente* da República. Algumas horas mais, e ele terá mostrado a nação a que veio e quais são os seus verdadeiros intuítos [...]. Da *eleição* de hoje dependem a segurança, a fortuna e a prosperidade de todas as classes da nação [...]. É a nação soberana que se vai pronunciar pelo voto dos seus ilustres delegados a Assembléia Constituinte: -saibam todos os brasileiros ouvir, compreender e civicamente acatar a sua iniludível, a sua austera, a sua imperiosa vontade [...].

A coluna ‘Noticiário’ confirmava que “O ministério esteve reunido em conferência extraordinária, sob a presidência do generalíssimo Deodoro, das 7 as 11 e ½ horas da noite de ontem, para tratar dos graves acontecimentos ocorridos na estrada de ferro Central do Brasil. [...]”. Apesar do texto não falar da eleição, no final viria uma demonstração de aprovação a Deodoro: “Damos parabéns ao governo pelo modo patriótico pelo qual resolveu esta questão”.

Na página 3, ‘Secção Livre’ intitulada ‘Ao Congresso e a Nação’, Joaquim Carvalho declarou seu apoio a Deodoro:

O nome do generalíssimo *Manoel Deodoro da Fonseca impõe-se à eleição do Congresso* e a solene sanção do Brasil inteiro [...] impõe-se de modo categórico e inelutável [...] reflita e pondere-o bem o Congresso [...]. Até do acercamento [sic] a família se há explorado partido para o redobramento de golpes [...] Reflitam os congressistas dissidentes [sic] e reflita o povo. O generalíssimo *Deodoro cumpre ser eleito*. [Dr. Joaquim José de Carvalho].

Nessa mesma coluna ‘Secção Livre’ havia um poema dedicado ao “Exm. Vice-almirante Eduardo Wandenkolk, uma homenagem de ‘Gentil de Alencar Sabóia’”. Era o apoio ao candidato a vice-presidente da chapa de Deodoro.

No dia 26 de fevereiro, quinta-feira, um dia após as eleições, *O País*, publicou uma imagem⁷ de Deodoro no centro superior da primeira página, com a seguinte legenda: *O País* já previa a vitória de Deodoro. A imagem com a respectiva legenda revelava a posição política favorável que o jornal assumiu frente à eleição do marechal.

A pesquisadora também encontrou -micro-filmado- os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio* na data específica de 26 de fevereiro (um dia após a eleição, quando o fato foi noticiado). Nenhum deles publicou imagem de Deodoro, somente alguns comentários curtos do resultado do pleito (mais detalhes adiante). Portanto, o jornal *O País* foi o único –dentre os encontrados- que divulgou a imagem do recém eleito presidente do Brasil.

A coluna ‘Congresso Nacional – A sessão de ontem’, de *O País*, descrevia passo a passo à eleição presidencial ocorrida no dia anterior. O jornal ressalta que ‘Floriano e Prudente foram aplaudidos e rodeado pelo povo, contrário de Deodoro. Também são apontados detalhes do pleito como a sua duração -uma hora e meia- e, de que antes, foi aprovada uma moção em homenagem ao recém falecido ministro Benjamin Constant.

Porém, na primeira página desse dia 26, a coluna ‘*O País*’ ressalta sua inovação:

O País foi o primeiro órgão de imprensa que afixou boletim noticiando a escolha do generalíssimo Deodoro, boletim seguido logo de outros, com o número de votos daquele cidadão e do vice-presidente eleito, o general Floriano Peixoto [...]. E tão bem conhecíamos as nossas providências, que a *eleição do generalíssimo* foi conhecida no Congresso às 2h e 10 minutos da tarde e às 2 e 18 o público em grandes grupos lia esse resultado a frente do nosso escritório.

A coluna ‘Cumprimentos e felicitações’ divulgou que após a notícia da eleição do generalíssimo Deodoro para o cargo de presidente da República,

A cidade revestiu-se de alegrias, que se tornaram evidentes em toda a sociedade fluminense [...]. Os bancos, edifícios públicos, escritórios de redação e casas particulares ao palácio do chefe de estado [...]. Desde o anoitecer a residência do generalíssimo começou a encher-se de cidadãos de todas as classes, militares de

⁷ Os recursos técnicos permitiam imprimir apenas traços e pontos, e não o reticulado que possibilita o meio-tom (Informações do Capitão Francisco José Corrêa Martins, Chefe da Divisão de História do Arquivo Histórico do Exército).

todos os corpos de exercício e armada, inclusive inferiores, que foram levar ao generalíssimo os seus cumprimentos e felicitações [...]. Foram inúmeros telegramas que o presidente da república recebeu de todos os estados, com parabéns e frases de congratulações [...]. À noite os edifícios públicos e da imprensa estiveram iluminados.

O texto é um precioso relato do comportamento da Capital Federal frente à vitória de Deodoro, demonstrando que seu prestígio político não estava tão abalado. No dia 27, a coluna ‘A Posse’, na primeira página, transcreve a sessão sem citar ‘as vaias’ que Deodoro recebeu na sessão de posse, portanto aqui, uma cobertura imparcial.

A seguir, o pequeno relato de outros três periódicos que cobriram essas eleições.

O jornal *Gazeta de Notícias*, no dia 24, relata as discussões ocorridas no Congresso Nacional no qual alguns deputados demonstraram apoio, outros repúdio, à candidatura de Deodoro. No dia 25⁸, está descrita como foi a sessão que promulgou a Constituição, além de uma coluna defendendo o voto a favor de Deodoro.

A cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 25, remeteu a aprovação da Constituição. Na segunda página, na sessão ‘Telegramas’ havia comentários das moções dos clubes militares. No dia 26, na primeira página, há um editorial intitulado ‘Secção Avulsa’ que aborda a eleição do dia anterior, com enfoque favorável a Deodoro. Também consta o número total de votos na eleição. No dia 27, a primeira notícia na capa foi a ‘Eleição presidencial – ‘Sessão do Congresso’ relatando parcialmente o passo a passo da eleição. A sessão ‘Telegramas’ descreve a posse.

O *Jornal do Commercio*, no dia 26, na coluna ‘Gazetinha’ relata como foi a eleição presidencial constando às manifestações do povo a favor de Deodoro. No exemplar do dia 27, há a descrição da sessão solene de posse.

A breve análise da pesquisadora é que, apesar do jornal *O País* deixar implícito sua posição favorável à vitória de Deodoro, na cobertura das eleições presidenciais prevaleceu às transcrições das falas dos deputados nas sessões do Congresso. Houve duas inovações, a primeira foi à divulgação quase que instantânea da notícia da vitória de Deodoro e no dia seguinte ao pleito, a publicação da imagem dele na parte superior da capa, a mais valorizada de um jornal.

⁸ A primeira e a segunda página desse jornal no dia 26 de fevereiro de 1891, está faltando nos arquivos micro-filmados da Biblioteca Nacional.

Os outros três jornais não aprofundaram a cobertura das eleições, somente divulgaram o acontecimento⁹. Constatou-se a presença de poucos textos de opinião declarando apoio ao candidato Deodoro.

Conclusão – O sangue político, Deodoro herdou de seu pai, vereador em Alagoas. Como todos os irmãos, escolheu seguir a vida militar. Apesar dos tropeços –prisões por indisciplina- no início da carreira, foi um soldado leal. “Vestiu, literalmente, a camisa do Exército”. Pelos companheiros de farda, ele “tudo e mais um pouco”. Sempre esteve alerta na defesa de suas prerrogativas e na exaltação dos deveres da Pátria

É verdade que não participou ativamente da campanha republicana liderada pelos propagandistas Quintino Bocayúva, Silva Jardim, Rui Barbosa, Benjamin Constant, Lopes Trovão e tantos outros. Mas também não se manteve fora das discussões. Foi monarquista conservador até o ‘último momento’, quando o convenceram de que o melhor sistema político para o Brasil naquela ocasião era a República.

Sem possuir muitas qualidades que caracterizam um homem de estado, Deodoro conseguiu, entretanto, em boa parte, supri-las pelo seu grande coração de patriota, pela nobreza de seus sentimentos e por uma lealdade inexcedível.

Como chefe do Governo Provisório, Deodoro, naturalmente, era candidato à presidência. A eleição formalizou a permanência dele no cargo mais alto do país. Ao invés de ser chefe do Governo passou a presidente da República. A função não mudou, somente passou a cumprir com a recém aprovada Constituição.

Apesar de contar com o apoio de deodoristas –familiares, deputados e militares-, sua candidatura à presidência foi definitivamente ‘confirmada’ em reunião estratégica convocada por Campos Sales. Isso há um mês e um dia antes das eleições.

A principal estratégia ‘adotada’ por Deodoro em sua campanha eleitoral foi a ‘discrição’. Não distribuiu panfletos e jornais, não falou sobre Plano de Governo, não fez comícios e festas. Foram os deodoristas que ‘fecharam alianças’ com os deputados votantes nessa primeira eleição presidencial, além de angariarem manifestos de apoio a favor da candidatura de Deodoro.

⁹ A pesquisadora não aprofundou a pesquisa sobre a cobertura dos respectivos jornais nas eleições presidenciais, portanto, não cabe demais considerações.

É mister constar que o povo pouco, ou quase nada, participou desses acontecimentos. Assistiram ‘bestializado’ a Proclamação. Já a eleição presidencial foi ‘comemorada’ no seletto centro da Capital Federal. Os prédios públicos e jornais ficaram iluminados na noite, após anuncio da vitória de Deodoro, em sinal de comemoração.

Aliás, nessa eleição, Deodoro teve como adversário, Prudente de Moraes e o respectivo vice Floriano Peixoto. Bem que os deodoristas tentaram convencer Prudente a desistir do pleito, mas este deixou claro que apoiaria ‘qualquer candidatura de oposição ao marechal’.

O clima de tensão prevaleceu no dia 25 de fevereiro de 1891. Boatos circularam, confirmando que se provavelmente a oposição vencesse a eleição, ocorreria uma revolta e o vencido seria proclamado ditador. O Exército, pessoalmente dedicado a Deodoro, não se resignaria a deixá-lo cair.

Na análise da cobertura das eleições presidenciais feita pelo *O País*, apareceram mais manifestações de apoio à candidatura de Deodoro do que manifestações de repúdio. Os congressistas deixaram seus depoimentos explícitos nos textos aos quais os jornalistas redigiam nas sessões do Congresso.

No dia 19, Lopes Trovão evidencia que não tinha receios do marechal no poder; no dia 22, o candidato à vice de Deodoro, Eduardo Wandenkolk, faz questão de constar o apoio que sua candidatura recebeu da marinha; no dia 22, o capitão Joaquim Almeida afirma que “a eleição de Deodoro representa mais que um penhor político é a recompensa do seu mérito”; no dia 24, os deputados Jacques Ourique e Ramiro Barcello rebatem críticas a candidatura de Deodoro; no dia 25, Joaquim Carvalho assina a coluna ‘Secção Livre’ em apoio a Deodoro, assim como Gentil de Alencar Sabóia cumprimenta o vice Eduardo Wandenkolk.

As demonstrações de repúdio foram constatadas no dia 19, no depoimento de Marciano de Magalhães durante a sessão do Congresso; no dia 24, Victorino Monteiro reconhecia a ‘incapacidade’ do chefe do Governo Provisório assim como também declararam Barbosa Lima e César Zama.

Nos dez dias de análise de *O País* –de 18 a 27 de fevereiro de 1891-, a pesquisadora constatou que a maioria das notícias das primeiras páginas eram transcrições literais dos debates ocorridos nas sessões do Congresso. Nas demais páginas constavam alguns artigos

opinativos, supõe-se que pagos e assinadas pelos autores, declarando apoio a Deodoro e ao seu vice Wandenkolk (esse último derrotado na eleição).

Apesar da tentativa de neutralidade do jornal *O País*, sua posição política favorável a Deodoro, ficou evidente na edição do dia 26 de fevereiro, quando a foto do recém eleito presidente apareceu destacada na parte superior da primeira página, com a seguinte legenda: “*O País* já previa a vitória de Deodoro”. O jornal também ressaltou que foi o primeiro a divulgar o resultado do pleito.

Os outros três jornais encontrados – *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta de Notícias e Jornal do Commercio* – na data específica de 26 de fevereiro, não aprofundaram as notícias sobre o pleito, somente divulgaram o acontecimento. Os textos de opinião apareciam em menor quantidade, se comparado a *O País*.

Referências Bibliográficas

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república**: das origens até 1889. 3.ed. São Paulo: Fulgor, 1967.

FONSECA, Roberto Piragibe da. Manuel Deodoro da Fonseca. **Separata da revista do IHGB**. Vol.316, jul.-set., Rio de Janeiro, 1979.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Deodoro – a espada contra o império**: O galo na Torre (do desterro em Mato Grosso à fundação da República). Vol. II, São Paulo: Cia Nacional, 1957b.

MARECHAL DEODORO 1827 – 1892. Grandes personagens da nossa história. nº 40. Abril Cultural, 1970.

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Quarta-feira, 18 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Quinta-feira, 19 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Sexta-feira, 20 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Segunda-feira, 23 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Terça-feira, 24 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Quarta-feira, 25 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Quinta-feira, 26 fev. 1891. (microfilme)

PAÍS (O). Rio de Janeiro, Sexta-feira, 27 fev. 1891. (microfilme)

Adolpho Queiroz (coord.). **Marketing político brasileiro** – ensino, pesquisa e mídia. Piracicaba: Edição do Coordenador, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social** – métodos e técnicas. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.



RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 4.ed rev. e atualizada. São Paulo: Nacional, 1982.

SENA, Ernesto. **Deodoro**: subsídios para a história. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas.. **Os presidentes** – Deodoro da Fonseca – 1º Presidente do Brasil 1889 -1894. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)**. São Paulo/SP: USP. Annablume, 2003.